

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

MÁRCIA GULARTE DOS SANTOS

**RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS E FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS NA
LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA**

Porto Alegre

2º Semestre

2016

**RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS E FAMILIAS HOMOPARENTAIS NA
LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jane Felipe

Porto Alegre

2º Semestre

2016

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que se propõem a lutar
pela diversidade e pela de igualdade de direitos.*

AGRADECIMENTOS

À minha professora e orientadora Jane Felipe, pela sua orientação competente, pelo seu incentivo, confiança, credibilidade e carinho para comigo.

À professora Gládis Kaercher, inspiração para mim durante a minha formação docente.

A meu querido Gilmar, companheiro de vida, por suas atitudes amorosas, conselhos e palavras de conforto e incentivo que me fizeram prosseguir.

Aos meus irmãos e irmãs, sobrinhas e sobrinhos, amigos e amigas que torceram por mim todos os dias e compreenderam a minha ausência durante esse período.

A meu pai (*in memoriam*), um dos meus grandes amores e grande amigo! Por tudo que deixou de si comigo, me ensinou e por sempre acreditar na filha. Queria que estivesse comigo agora, de algum jeito está.

Em especial, a minha mãe, mulher de “brilho forte”! Também meu grande amor, minha amiga da vida inteira! Por seus esforços na criação e educação de oito filhos. Por ter me esperado no silêncio. `

RESUMO

O presente trabalho aborda um tema ainda polêmico e, geralmente, tratado de modo rarefeito na literatura infantil: o das relações homossexuais e homoparentais nos livros para crianças (HESSEL & KAERCHER, 2013). A questão principal da pesquisa consiste em discutir de que modo a produção literária veiculada no mercado editorial brasileiro tem dado visibilidade a esses temas e como famílias homoparentais têm sido representadas na literatura infantil. Este estudo tem como objetivo contribuir para a discussão, debate e reflexão sobre os referidos temas contemplando a diversidade e o respeito às diversas formas de família. Outro objetivo da pesquisa é analisar como são representadas as relações homossexuais e homoparentais nos livros de literatura infantil e a inserção dessas temáticas no mercado editorial brasileiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise documental. A metodologia inicial utilizada foi um primeiro levantamento feito através de sites na internet, editoras e livrarias sobre obras recentes publicadas no Brasil trazendo estes temas para crianças pequenas (0 a 6 anos). Posteriormente, foram analisadas as relações homossexuais e representações de famílias homoparentais nos textos e imagens de quatro livros de literatura infantil, publicados entre o ano de 2010 e 2016 no Brasil. Os resultados da pesquisa apontam para a escassez de livros de literatura infantil sobre o tema, a pouca circulação dos mesmos e o difícil acesso a essas obras. Os livros analisados trazem a ideia de uma relação familiar romântica e feliz.

Palavras-chave: Literatura infantil. Sexualidade. Família. Homoparentalidade.

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O TEMA.....	8
2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO.....	11
3. AMORES PROIBIDOS, AMORES IMPOSSÍVEIS? O SILÊNCIO DAS EDITORAS	14
3.1 O que (não) se publica por aqui.....	17
3.2 Como as famílias homoparentais são representadas nos livros	23
3.3 Uma família tipicamente classe média	40
3.4 Idealizações do amor e dos relacionamentos afetivos	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O que as escolas precisam saber sobre o tema.....	50
5. REFERÊNCIAS.....	52
6. APÊNDICE	54

**RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS E FAMILIAS HOMOPARENTAIS NA
LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA**

MÁRCIA GULARTE DOS SANTOS

Porto Alegre

2º Semestre

2016

1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O TEMA

Meu interesse pelo tema da literatura infantil e famílias homoparentais teve início durante o curso de Pedagogia, foram nas aulas da disciplina de *Educação, Saúde e Corpo* que percebi a possibilidade de pensar as questões do corpo, gênero e sexualidade como uma produção histórica, social e cultural, ou seja, que não nascemos o que somos e sim nos tornamos homens e mulheres a partir de inúmeras vivências e discursos que nos conformam.

Em outra disciplina acadêmica, *Infâncias*, mais uma aprendizagem: as concepções de infância que temos hoje foram construídas pela historicidade humana e pelos adultos, são transitórias e mutáveis. Não existe apenas uma infância e sim *infâncias* produzidas cultural e socialmente em diferentes épocas, sociedades e espaços.

Outras disciplinas, experiências e vivências durante o curso colaboraram para a construção dos meus conhecimentos docentes acerca de questões e especificidades em educação, infâncias, gênero e sexualidade. Contudo, em ocasiões de minha formação acadêmica, como práticas e estágios docentes, algumas vezes em que surgiram situações com as crianças envolvendo estes temas, eu ficava um pouco embaraçada e insegura ao fazer intervenções pedagógicas. Isto tornou algumas de minhas experiências docentes relacionadas a estes temas um tanto limitadas na época, ao deixar escapar boas oportunidades para construir junto às crianças conhecimentos e aprendizagens importantes no campo da diversidade e dos direitos humanos.

Felipe (2008) aponta que as escolas ao realizarem algum tipo de trabalho em torno da sexualidade recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1997), normalmente o fazem de forma assistemática e descontínua, com uma abordagem biológica, sem levar em conta aspectos históricos, sociais e culturais integrantes desse processo em torno da construção de significados. Pensando nas palavras da autora aqui mencionadas, hoje lembro sobre minha atuação em uma prática de ensino do curso de pedagogia em uma turma de maternal I no início de minha formação docente. Recordo de ter escolhido como fio condutor de meu planejamento semanal nessa prática "O Corpo Humano", e fico constrangida comigo mesma quando penso que em meu planejamento didático-pedagógico fiz exatamente isso que Jane Felipe alerta sobre o trabalho nas escolas: tratei do assunto evidenciando apenas aspectos biológicos, não incluindo em minhas ações pedagógicas, outros aspectos. Agora,

com uma visão mais ampliada sobre o assunto, faria diferente. Sobre a escola, formação e atuação docente nesse contexto, Felipe (2008) ressalta que:

O corpo docente, por sua vez, se sente, em algumas ocasiões, despreparado para tal empreitada, na medida em que não teve uma formação específica para isso. Em se tratando da Educação Infantil, por exemplo, isso se torna ainda mais difícil, pois as professoras têm muitas dúvidas em como lidar com algumas situações que surgem no cotidiano da escola e de como abordá-las, temendo ainda que as famílias desaprovem que o tema da sexualidade seja discutido com as crianças. (FELIPE, 2008, p.6).

Muitas são as temáticas sobre sexualidade que demandam discussões com as crianças. Um tema bastante polêmico diz respeito à homossexualidade, em especial à questão das famílias homoparentais em livros de literatura infantil, foco desta pesquisa. De que modo a produção literária veiculada no mercado editorial brasileiro tem dado visibilidade a esse tema e de que modo tais famílias são representadas na literatura infantil?

O objetivo deste trabalho é contribuir para a discussão para o debate e reflexão sobre o referido tema, enfatizando a importância de uma formação docente na educação infantil que contemple a discussão da diversidade e do respeito às diversas formas de família. Cabem as professoras e professores a competência técnica para abordar as temáticas que surgem no dia a dia da escola e a escolha criteriosa de livros de literatura infantil que porventura apresentem temáticas como as das famílias homoparentais. Outro objetivo da pesquisa é analisar como são representadas as relações homoparentais nos livros de literatura infantil e a inserção dessa temática no mercado editorial brasileiro, pois em um primeiro levantamento feito através de sites, editoras e livrarias ficou evidente a escassez de obras sobre o tema voltado para crianças pequenas.

As análises foram feitas a partir de quatro livros de literatura infantil publicados entre o ano de 2010 e 2016. Os livros escolhidos foram os seguintes: *Olívia tem dois Papais* (2010), da escritora brasileira Márcia Leite; *Bem-Vindo à Família* (2014), da escritora inglesa Mary Hoffman; *A Costureira e a Princesa* (2015), da psicóloga Janaína Leslão e *Tenho Dois Papais* (2016), da designer Bela Bordeaux. Os critérios de escolha dos livros foram: livros voltados para crianças pequenas - de preferência para menores de seis anos, publicados no Brasil entre os anos de 2010 a 2016 brasileiros ou traduzidos e com as temáticas e representações da homossexualidade e da família homoparental.

A sexualidade tem sido alvo de constante controle por parte da família, da escola e dos diversos aparatos culturais (FELIPE, 1995). Refletindo sobre as palavras da autora tenho a certeza de que é importante perceber como o tema da homossexualidade - e em particular o da homoparentalidade -, está se colocando na vida das crianças a partir de artefatos culturais como os livros de literatura infantil. Portanto, entendo que este trabalho de conclusão de curso se justifica por ser uma oportunidade de analisar criticamente como estão sendo representados os relacionamentos homoparentais em livros para crianças. Além disso, penso ser necessário estudar questões sobre sexualidade e gênero de forma continuada na formação docente, ampliando conhecimentos e buscando esclarecimentos nesse campo de estudos para minha formação profissional. Também espero poder contribuir para a discussão e reflexão sobre questões de sexualidade e gênero na educação das crianças pequenas em busca do reconhecimento da igualdade de direitos e respeito - em particular no que se refere às relações homossexuais e homoparentais.

Esta pesquisa desenvolveu-se com base numa abordagem qualitativa de análise documental e buscou fazer relações entre os conceitos de sexualidade considerando que, tanto as identidades de gênero como as identidades sexuais são sempre construídas, não são dadas ou acabadas num determinado momento, estão sempre se constituindo, são instáveis e passíveis de transformações (LOURO, 1997; FELIPE, 1995); e família firmando que são os vínculos entre os indivíduos que criam a família e são as variações possíveis desses vínculos intrafamiliares que caracterizam as formas possíveis de família (ZAMBRANO, 2006).

Os aspectos teórico-metodológicos da investigação estão colocados a seguir, no capítulo 2. A partir do material analisado, foram levantadas quatro categorias de análise, a saber: *O que (não) se publica por aqui*, *Como as famílias homoparentais são representadas nos livros*, *Uma família tipicamente classe média* e *Idealizações do amor e dos relacionamentos afetivos*, que serão discutidas no capítulo 3. Por último, no capítulo 4 faço minhas considerações finais destacando o que a instituição escolar precisa saber e estar atenta sobre a relação formação docente, famílias homoparentais e escola.

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Compreendo que para realizar uma pesquisa é imprescindível escolher um método mais adequado para a execução da mesma, tendo como base primeira o problema de pesquisa, de modo que seja possível fazer as perguntas sobre o que se quer investigar e a melhor forma de conseguir respondê-las. Conforme argumenta Godoy (1995), partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode ser conduzido através de diferentes caminhos de pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia, por exemplo. No caso desta investigação, ela foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa de análise documental. Utilizo-me das palavras da autora para esclarecer e definir “documentos” neste trabalho

A palavra “documentos”, neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). (GODOY, 1995, p. 22).

A pesquisa documental percorre os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, muitas vezes sendo difícil distingui-las (FONSECA, 2002). Conforme o autor a pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas, já a documental se vale de fontes mais diversificadas, sem exame analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. No caso desta pesquisa trata-se de quatro livros de literatura infantil, publicados no Brasil - brasileiros e traduzidos e que tematizam as relações homossexuais e homoparentais, nos quais, procura-se examinar quais e como estão representadas estas relações. A análise dessas produções culturais se dá em torno daquilo que elas produzem, veiculam e representam sobre relações homossexuais, em particular as homoparentais, através dos seus textos escritos e das suas imagens, as quais, não deixam de serem textos, na medida em que, a partir delas, se podem fazer muitas “leituras”. Nas análises são feitas discussões sobre: a presença, o acesso e visibilidade (ou não) dessas temáticas em livros de literatura infantil no mercado editorial brasileiro.

Como metodologia inicial foi feito um levantamento através de sites na internet, editoras, livrarias, sebos e briqueiros (virtuais) de compra-venda-troca de livros. Também se realizou uma visita ao setor infantil de livros da 62ª Feira do Livro de Porto Alegre a fim de verificar a produção e disponibilidade de obras sobre o tema da homossexualidade e homoparentalidade em livros para crianças pequenas.

Louro (1997) considera que, tanto as identidades de gênero como as identidades sexuais são sempre construídas, não são dadas ou acabadas num determinado momento, estão sempre se constituindo, são instáveis e passíveis de transformações. A autora ressalta que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas e que, sendo assim, suas identidades sexuais se constituem através das formas como vivem sua sexualidade. Por outro lado, também se identificam social e historicamente como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Identidades estas, de gênero e de sexualidade, que se inter-relacionam e acabam frequentemente sendo confundidas, tornando-se difícil, pensá-las distintivamente, mas alerta: não é a mesma coisa. A escritora diz que foi através das feministas anglo-saxãs no final da década de 60, que o termo *gender*¹ passou a ser usado como distinto de *sex*, e que através da linguagem elas objetivam rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual acentuando o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. E ressalta: “O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política” (LOURO, 1997, p.21). A escritora enfatiza que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros e que, não são as características sexuais, mas é a maneira como elas são representadas ou valorizadas, o que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Louro afirma então que o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade são definidos não a partir de seus sexos, mas sim a partir de tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. Guacira Lopes Louro (1997) ainda nos diz que o gênero é constituinte da identidade dos sujeitos: identidades plurais, múltiplas e que se transformam através das práticas sociais que os “fabricam”. Pensando sobre essa afirmativa, pode-se dizer então que artefatos culturais como livros de literatura infantil fazem parte dessas práticas sociais, já que produzem significados de masculinidades e feminilidades em suas veiculações sobre questões de corpo, gênero e sexualidade em determinada sociedade e época.

¹ *Gender = gênero e sex = sexo.*

Furlani (2005) aponta que até meados de 1997, ano em que foram lançados nos Parâmetros Curriculares Nacionais os temas transversais - um deles *Orientação Sexual*, as discussões sobre sexualidade humana ficavam restritas às aulas das disciplinas curriculares de Ciências e Biologia e ao trabalho isolado de professores. Tais iniciativas se davam a partir de uma abordagem associada ao corpo humano e ao aparelho “reprodutor” masculino e feminino, baseada nos conteúdos disponíveis nos livros didáticos de ciências. Hoje, parece ainda existirem poucos materiais dirigidos ao público infantil, sobretudo às crianças menores de seis anos, que abordem temáticas relacionadas à sexualidade, entretanto, os mesmos, se selecionados forma criteriosa e positiva para a abordagem de temas transversais ao currículo escolar como homossexualidade e homoparentalidade passam a ser um material aliado para desmistificar crenças, tabus e preconceitos no trabalho docente. A respeito de diversas relações sociais que um livro de literatura infantil possa estabelecer entre o leitor e escritor Ferreira (2009) sustenta:

Dessa forma, as obras literárias entendidas como artefatos culturais legitimadores de identidades sociais e de gênero, estabelecem relações de poder entre leitores/as e escritores/as de tais textos, constituindo um circuito produtor e reprodutor de práticas sociais masculinas e femininas consideradas ideais. Sendo assim, um livro de história infantil como produto cultural e analisado sob a perspectiva na qual fundamento minha tese, pode apresentar características sensíveis em relação a: práticas de significação, relações sociais e subseqüentes relações de poder ou ainda, prática produtora de identidades sociais e de gênero. (FERREIRA, 2009, p. 86).

3. AMORES PROIBIDOS, AMORES IMPOSSÍVEIS? O SILÊNCIO DAS EDITORAS

Mar e Lua - Chico Buarque

*Amaram o amor urgente
 As bocas salgadas pela maresia
 As costas lanhadas pela tempestade
 Naquela cidade
 Distante do mar
 Amaram o amor serenado
 Das noturnas praias
 Levantavam as saias
 E se enluaravam de felicidade
 Naquela cidade
 Que não tem luar
 Amavam o amor proibido
 Pois hoje é sabido
 Todo mundo conta
 Que uma andava tonta
 Grávida de lua
 E outra andava nua
 Ávida de mar
 E foram ficando marcadas
 Ouvindo risadas, sentindo arrepios
 Olhando pro rio tão cheio de lua
 E que continua
 Correndo pro mar
 E foram correnteza abaixo
 Rolando no leito
 Engolindo água
 Boiando com algas
 Arrastando folhas
 Carregando flores
 E a se desmanchar
 E foram virando peixes
 Virando conchas
 Virando seixos
 Virando areia
 Prateada areia
 Com lua cheia
 E à beira-mar*

Mar e Lua, canção de Chico Buarque de Holanda parece descrever através de metáforas o amor homossexual, possivelmente reprimido, entre duas mulheres. Em 1980 a letra da música foi inspirada por uma crônica de um jornal que conta da impossibilidade do amor entre essas duas mulheres e que encontram como solução a morte² para viverem esse amor,

² http://obviousmag.org/percepcoes_culturais_e_quimeras_cotidianas/2015/06/mar-e-lua.html

Supostamente, impossível, A letra poeticamente mostra um “final trágico-feliz” para suas personagens no trecho em que diz:

*E foram correnteza abaixo
 Rolando no leito
 Engolindo água
 Boiando com as algas
 Arrastando folhas
 Carregando flores
 E a se desmanchar
 E foram virando peixes
 Virando conchas
 Virando seixos
 Virando areia
 Prateada areia
 Com lua cheia
 E à beira mar*

Esta passagem na letra da música, ao mesmo tempo em que traz a poesia, faz pensar na triste e cruel realidade vivida por pessoas homossexuais que querem viver a sua sexualidade, os seus amores, os seus desejos e suas alegrias como qualquer outro indivíduo: a crueldade do preconceito e da discriminação social a pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual. Nosso país parece ser “campeão” em crimes homofóbicos, não há como falar de homossexualidade sem se referir a questões de violência cometidas contra pessoas com orientações sexuais diferentes da heterossexual.

O discurso de ódio à diversidade sexual pronunciado por algumas pessoas públicas no Brasil - políticos e religiosos, por exemplo, - tem afetado ações que visam discutir essas temáticas nas escolas. Tais pessoas se opõem à distribuição nas escolas de material didático de combate à homofobia ou mesmo à distribuição de camisinhas para evitar DSTs - Doenças Sexualmente Transmissíveis ou gravidez na adolescência. São discursos que alimentam o preconceito e incitam o ódio, aumentando a violência contra pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual. O Grupo Gay da Bahia³, mais antiga ONG (Organização Não Governamental) de cidadania LGBT no país, em relatório sobre o número de mortes de gays, lésbicas, travestis e transexuais no Brasil divulga: houve 318 assassinatos em 2015, o que significa uma morte a cada 27 horas. Conforme o relatório anual de 2015 divulgado pela ONG, proporcionalmente, as travestis e transexuais são as maiores vítimas. A possibilidade de uma “trans” ser

³ <http://www.ggb.org.br/>

assassinada é 14 vezes maior que um gay, e se comparado com os Estados Unidos, as 119 travestis brasileiras assassinadas em 2015 em comparação com as 21 trans americanas, têm nove vezes mais chance de morte violenta do que as trans norte-americanas. Ainda conforme o documento, mais da metade dos homicídios contra transexuais do mundo, ocorrem no Brasil. Estes dados revelam que a homofobia é algo muito forte que permeia toda a sociedade brasileira.

Dinis (2011) cita o trabalho “*A atriz, o padre e a psicanalista – os amoladores de faca*”⁴, do psicólogo brasileiro Luis Antonio Baptista (1999), que utiliza o conceito de “amolador de faca” para denunciar a cumplicidade social em relação à violência expressa nos discursos da mídia, assim como nos discursos de religiosos e também de saberes ancorados ou mesmo produzidos no campo da Psicologia e da Psiquiatria. Segundo o autor, podemos aplicar também ao discurso educacional:

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva. (BAPTISTA, 1999, apud DINIS, 2011, p. 46).

Esta recusa em aceitar o que se parece diferente de nós mesmos pode ser um dos fatores motivadores para a existência dessa triste e impiedosa realidade da violência contra a diversidade sexual. A recusa em aceitar e compreender a homossexualidade como uma das tantas manifestações da sexualidade humana é algo construído culturalmente e muitos são os meios para tal. Os artefatos culturais – livros, revistas, filmes, propagandas, TV, cinema, brinquedos e brincadeiras, entre outros -, assim como as instituições (família, escola, igrejas, etc.), são instrumentos que se prestam a veicular, criar ou reproduzir tais preconceitos, dentre eles a homofobia. É interessante perceber que alguns livros, em especial aqueles escritos para o público infantil, muitos deles elaborados a partir de editais governamentais sobre diversidade, não possuem uma grande preocupação com a qualidade literária do texto, limitando-se apenas a prescrever lições de moral, dentro da perspectiva de tolerância ao diferente. Ora, a ideia de tolerância implica no fato de que quem tolera detém algum poder

⁴ O texto remete a três situações reais envolvendo a declaração de uma atriz em um programa televisivo dominical, a presença de uma psicanalista em outro programa televisivo juvenil de auditório e o discurso de um padre católico. A atriz em um programa televisivo expressou seu desejo em não ter um filho homossexual.

sobre o outro (o tolerado). É como se ele simplesmente “permitisse” determinados comportamentos considerados “desviantes” da heteronormatividade:

É importante referir que o termo “heteronormatividade” vincula-se ao sistema de pensamento predominante que prevê a heterossexualidade como única forma possível de se experimentar e viver a sexualidade, como se essa fosse um destino natural dos sujeitos. Em razão disso, com frequência todas as outras formas possíveis de viver relacionamentos afetivos e sexuais são vistas como anormais. (GUIZZO & GOMES, 2015, P. 143).

Kaercher e Hessel (2013) observam que só muito recentemente e de modo rarefeito os temas da homossexualidade, em especial, o da homoparentalidade, começam a aparecer nos livros para crianças. Temas como a da homossexualidade em livros de literatura infantil, por exemplo, são muito raros, como se fosse possível esconder delas certos assuntos da vida humana sob o pretexto de protegê-las.

Parece mesmo haver um grande receio em falar com crianças sobre esta ou aquela orientação sexual, como se fosse algo impróprio e inadequado e mais, quanto menor é a criança, mais estranhamento causa aos adultos a possibilidade de conversar com ela sobre. Desse modo, às crianças lhes é negado conhecer sobre a diversidade humana para que ela possa se autoconhecer e construir, compreender e aprender a conviver com a diferença, e para que principalmente, não se torne um adulto homofóbico que acaba tendo medo daquilo que não conhece, odiando e produzindo violência contra pessoas homossexuais.

3.1 O que (não) se publica por aqui

A edição de livros infantis no Brasil surgiu a partir das demandas de um país que buscava, a partir da Proclamação da República, em 1889, se modernizar. A sociedade brasileira nesse período histórico passava por mudanças que depositavam expectativas na educação, à qual a literatura infantil sempre esteve ligada. As obras escritas no final do século XIX e início do século XX eram obras com características ufanistas, de exaltação da pátria. Em relação à linguagem, não havia uma preocupação em adaptá-la ao público infantil, eram traduções e adaptações de obras estrangeiras. Podemos destacar os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen, divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), todos assinados por Figueiredo Pimentel, além de *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *As aventuras do Barão de Münchhausen* (1888), dentre outras obras traduzidas.

A capa e algumas páginas de uma edição datada de 1934 de “*Contos da Carochinha*”.



O primeiro autor a escrever em uma linguagem dirigida às crianças foi Monteiro Lobato. Em 1921 ele publicou sua primeira obra infantil, chamada *A menina do narizinho arrebitado*, na qual já há a introdução da oralidade no texto escrito, à qual se seguiriam muitas outras. Algumas imagens de edições:



Entre 1920 e 1945 desenvolve-se a produção literária para crianças, aumentando o número de obras, o volume das edições e o interesse das editoras pelo mercado de livros infantis. Na década de 20, quase que somente as criativas produções de Monteiro Lobato dominaram o gosto infantil pela literatura o que se seguiu nos próximos 20 anos. Entre 1945 até a metade da década de 60 o modelo “lobatiano” foi exaustivamente repetido e as obras

desse período, na sua grande maioria, incorporaram os procedimentos da indústria de massa e cultural, incrementado a partir da década de 50. A partir do início dos anos 70, inicia-se o chamado *boom* da literatura infantil brasileira em consequência do fortalecimento do setor editorial, à ampliação do público escolar e do consumidor, pelo apoio governamental em programas de incentivo à leitura, pela diversificação de temáticas. Nas últimas décadas algumas mudanças de características despontaram nas obras disponíveis para crianças no mercado editorial brasileiro: o urbano substitui o mundo rural no cenário das histórias; linguagem usada é marcada pela oralidade e coloquialismo; por muitas vezes, a personagem criança já não é ingênua, mas crítica; desaparecem temáticas cívico-pedagógicas e surgem temáticas cotidianas; aparecem vários livros policiais e de ficção; aparece a intertextualidade com novas explorações gráficas na ilustração e na diagramação dos livros. Também há um aprofundamento das temáticas relacionadas a dramas humanos do cotidiano (o menor abandonado, a separação dos pais, os preconceitos, a morte, problemas familiares), etc. Ferreira (2009, p.81) nos diz que a partir da década de 80 a literatura infantil começa a consolidar-se como produção cultural no Brasil, e alertando sobre o fato de que o interesse das grandes corporações se concentrava mais em torno de uma “economia livreira” que o mercado editorial começava a gerar do que em prol da ideia de estimular a leitura nas escolas, a autora referencia Silveira (2002, p.49-50):

(...) Sob a influência do discurso da crise da leitura e do apontar de caminhos para sua solução – que incluía o incremento da leitura “livre” da criança e do adolescente -, a produção mercadológica da literatura infanto-juvenil sofreu sensível incremento, acusando desde então uma curva sempre crescente de edição de novos títulos e reedição de títulos de sucesso. (...) é fácil imaginar que tais fatos apontam para um acirramento das estratégias mercadológicas das numerosas editoras de literatura infanto-juvenil em busca de nichos de mercado, surgindo nesse quadro específico de “mercantilização cultural” artimanhas como a encomenda e edição de obras de literatura sobre tais e quais assuntos – de vendagem promissora, a emulação, entre editoras, de eventuais sucessos editoriais, e a busca acentuada de uma produção que de imediato “caísse no gosto da criança ou do jovem”.

Também é na década de 80 no Brasil, em uma época e sociedade que se abre para a democracia, que surgem obras literárias relativizando valores sociais e culturais, como de gênero, por exemplo. Há um aperfeiçoamento nos projetos gráficos dos livros, dando importância ao diálogo entre texto, imagem e qualidade literária. (...) as famosas ‘adoções’ de livros de literatura nas escolas, e o governo federal com suas vastas compras para distribuição nas escolas públicas fez o mercado editorial expandir em nosso país (FERREIRA, 2009, p.

83). A autora, se referindo a essa crescente expansão da literatura infantil no mercado editorial brasileiro alerta:

Adentrando a última década do século XX, com o mercado editorial em expansão, com novas e diferentes concepções de infância se difundindo na sociedade brasileira, com a preocupação de escritores em tratar de questões que problematizam conceitos absolutos, as editoras publicam inúmeras obras publicam inúmeras obras de autores variados, resultando, assim, em uma ampla oferta no mercado livreiro, de títulos literários infantis, o que não significa, entretanto, qualidade e originalidade de todas essas obras. (FERREIRA, 2009, p.84).

Cabe lembrar que foi também na década de 90, e nos anos 2000, que teve início, na literatura infantil, em especial nos EUA, uma produção literária com a temática gay, dentre as quais destaco:

Daddy's roommate (EUA, 1991) – Companheiro do Pai

The Sissy Duckling (EUA, 2002) - A Sissy Patinho

King & king (EUA, 2002. Original holandês) – Rei e rei

Mon and Mum are getting married (EUA, 2004) – Mãe e mamãe vão se casar

Carly: she's stil my daddy (EUA, 2004) – Carly: Ela ainda é meu pai

And Tango makes three (EUA, 2005) – E Tango faz três

No Brasil, a produção sobre a temática ainda é bastante tímida, por vezes restrita a traduções de obras literárias estrangeiras. Em livros de literatura infantil com o tema da sexualidade, em especial os de origem brasileira, quando existem, geralmente são votados para um grupo infanto-juvenil, muitos dos quais, possuem teor religioso. A pesquisa feita para este trabalho mostrou a dificuldade de achar títulos sobre o tema da homossexualidade, mais difícil ainda se mostrou achar livros que abordem o tema relacionado a questões da homoparentalidade⁵, o que leva a crer que as editoras não têm interesse em promover esse debate. Foram feitas exaustivas buscas na internet sobre publicações recentes de livros editados no Brasil, voltados para crianças pequenas com as temáticas da homossexualidade e das famílias homoparentais, verificando-se então, que a produção dessas obras praticamente

⁵ Neologismo criado pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (AFPGL) em 1997, Paris, nomeando a situação em que pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é (ou pretende ser) pai ou mãe de, no mínimo, uma criança.

inexiste no Brasil. Isso é confirmado quando se procura livros de literatura infantil para crianças pequenas com estes temas, pois os poucos que existem muitos de origem estrangeira e traduzidos, na maior parte das vezes ou estão indisponíveis nas editoras temporariamente, ou estão fora do catálogo de venda das livrarias – o que significa que não serão mais reimpressos, ou não estão nas prateleiras das mesmas por estarem esgotados, o que é muito frustrante. O primeiro dado apontou que há pouca produção/circulação e muita falta desses materiais literários no mercado editorial brasileiro. Isto se confirmou ao tentar buscá-los em bibliotecas públicas ou escolares da cidade de Porto Alegre e em livrarias - físicas /virtuais, sebos – físicos/ virtuais e até em sebos de compra, venda e troca de livros de vários lugares do país. Na maioria desses espaços, os livros nem faziam parte do acervo. Nos espaços em que os mesmos constavam como parte do catálogo de venda e se tentava comprá-los, quase sempre, a resposta encontrada era de que os mesmos estavam indisponíveis no momento.

Alguns livros são publicados por editoras pequenas e alternativas, havendo uma dificuldade de inserção no mercado, através de uma distribuição ampla em livrarias, por exemplo. Algumas iniciativas têm sido feitas a partir de projetos como o projeto *Catarse*⁶ que arrecada verbas através de campanhas na internet recebendo doações de internautas para publicação de livros: dois dos três livros de literatura infantil com origem brasileira analisados neste trabalho contaram com verbas desse projeto para serem publicados no Brasil. Como exemplo disso temos o livro *Tenho Dois Papais* de Bela Bordeaux que foi publicado de forma independente, através do projeto *Catarse*. O livro é resultado do trabalho de conclusão do curso de designer realizado pela autora, através da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) no ano de 2012. Entretanto, somente em 2016 foi publicado através de financiamento colaborativo pela internet com a participação de mais de 400 pessoas. Destinada à faixa etária de três a seis anos, a obra traz a temática da família homoparental e é vendida através de um site na internet. Em novembro de 2016, em entrevista via MSN, a autora informou que fez pelo projeto *Catarse*, cerca de mil exemplares e vendeu mais da metade. Ela mencionou também que a maior parte das compradoras é de mães heterossexuais progressistas e que as escolas têm mais resistência pra comprar esse tipo de livro. No entanto e surpreendentemente, uma escola católica de Belo Horizonte convidou-a para fazer uma fala e comprou o livro para a biblioteca da escola.

Outro exemplo de iniciativa para viabilização de publicação de livros infantis trazendo a

⁶ <https://www.catarse.me/explore>

temática da homossexualidade e homoparentalidade feita a partir de projetos é o da escritora Janaína Leslão, que escreveu o livro “*A Costureira e a Princesa*”, também analisado neste trabalho. Informações dadas e publicadas em um site da internet⁷ pela escritora revelam que o livro foi escrito em 2009, foi recusado por 20 editoras antes de ser aceita a sua publicação em 2014 pela editora *Metanoia*⁸ com a condição de que a autora providenciasse e arcasse com as despesas das ilustrações do livro. Foi então que a escritora começou um financiamento coletivo na internet para juntar dinheiro a fim de contratar uma ilustradora. Segundo informações contidas neste site e declaradas por ela, em menos de uma semana, a meta foi atingida e, no fim do prazo de arrecadação, já havia conseguido angariar mais de R\$ 11 mil em doações, o que permitiu que ela financiasse as ilustrações de seu primeiro livro. Janaína Leslão ainda declara que a repercussão de “*A princesa e a Costureira*” foi enorme e que, em três dias, o post sobre a pré-venda da obra no Facebook teve 1,7 milhão de visualizações. A escritora diz ter recebido muitas mensagens de apoio, mas, por outro lado, também se tornou alvo de *haters*, pessoas que odeiam ou "odiadores" na tradução literal para a língua portuguesa. São pessoas que utilizam a internet para praticar "bullying virtual" ou "cyber bullying"⁹.

Alguns dados da pesquisa também foram levantados durante visita à 62ª Feira do Livro de Porto Alegre, que ocorreu entre os dias 28 de outubro e 15 de novembro de 2016. A feira contava com 93 bancas de venda de livros na área geral e 12 na área infantil, porém foi possível perceber que não havia à venda nenhum livro para crianças pequenas menores de seis anos com a temática da homossexualidade, quanto mais da homoparentalidade! Em uma única banca havia um livro brasileiro de título *Meus Dois Pais* de Walcir Carrasco que traz em seu enredo a separação dos pais de um menino, e na seqüência, a união do pai desse menino com outro homem. No entanto, esta obra é voltada para crianças a partir dos seis anos e não para crianças menores de seis anos.

Diante de tais fatos, fica evidente a invisibilidade dos temas no mercado editorial brasileiro em livros para crianças, e para as pequenas, mais evidente ainda. Isto se revela no número bastante pequeno que há de obras literárias publicadas abordando a temática da homossexualidade - e menos ainda a da homoparentalidade, no difícil acesso, pouca

⁷ <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/livro-narra-historia-de-amor-de-princesa-e-costureira/>

⁸ <http://metanoiaeditora.com/>

⁹ Palavra de origem inglesa que no Brasil significa intimidar, humilhar, zombar, ridicularizar, agredir, etc.

circulação e disponibilidade das mesmas no comércio varejista.

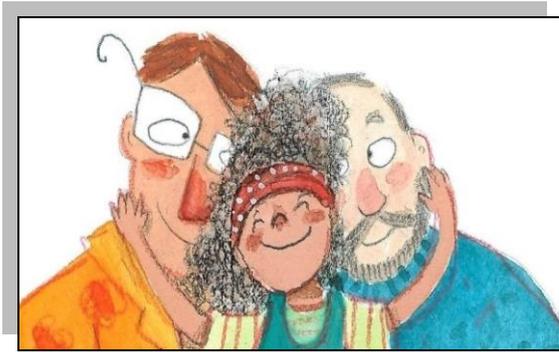
3.2 Como as famílias homoparentais são representadas nos livros

O conceito de representação reúne tanto práticas de significação linguística e cultural como sistemas simbólicos por meio dos quais os significados podem ser construídos. (FELIPE, 2006, p. 3). Acredito que a literatura cria muitas representações desempenhando um papel de transmitir modelos sociais, aqueles que a sociedade quer instituir sobre as pessoas que por sua vez atribuem sentidos e significados próprios a essas representações na constituição de suas identidades. Arguello (2005), em *Dialogando com Crianças Sobre Gênero Através da Literatura Infantil* declara:

A literatura é uma das diversas roupagens que vestem as práticas pelas quais os sujeitos são interpelados, é discurso e ao mesmo tempo criatura do discurso, exercendo uma função reguladora pelas representações nelas existentes sendo ao mesmo tempo regulada pelos discursos que se pretendem hegemônicos. (ARGUELLO, 2005, p.76).

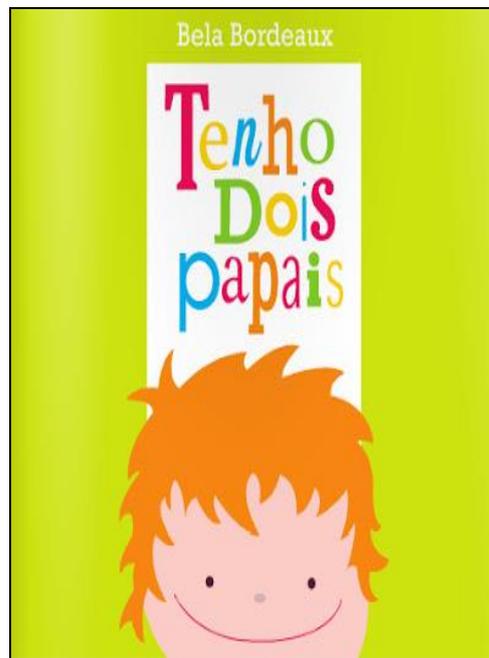
O primeiro ponto em comum nos quatro livros analisados é o modo semelhante como as famílias e as relações homossexuais e homoparentais são representadas. Em geral, produzem e veiculam uma ideia genérica de família: feliz, sem os pequenos conflitos cotidianos relacionados à convivência e tipicamente de classe média. Cabe destacar, no entanto, o fato dos livros analisados mostrarem que o mais importante para constituir uma família são os laços e vínculos afetivos que a compõem, o bem-viver e a felicidade familiar:





A Felicidade e bem estar familiar como prioridade

Algo que é bastante enfatizado nos livros são as questões da paternidade e maternidade relacionadas aos cuidados, ao amor, à proteção, ao carinho, ao acolhimento e educação dos filhos. Dos quatro livros infantis, três são destinados ao público infanto-juvenil, apenas um é endereçado a crianças pequenas, o *Eu Tenho Dois Papais* de Bela Bordeaux com imagem abaixo:



Este livro é de origem brasileira, o mesmo foi publicado em 2016 de forma independente e a partir de arrecadação de verba do projeto *Catarse*, a família é formada por dois homens, um arquiteto e um jornalista, que adotaram um menino. Neste livro, o narrador é um personagem, o filho do casal, um menino aparentando seis anos, aproximadamente, pelo que se deduz da imagem apresentada no livro. O menino conta a história a partir da sua história/biografia, fala

que foi adotado pelo casal quando era bebê, que vive muito bem com os pais, que tem a atenção e amor dos dois e às vezes eles são legais e em outras vezes são bravos.



É expressa pelo menino a divisão/participação das tarefas entre o casal: um deles confere o dever de casa da escola do filho e o outro lava as roupas. Quase no final da história surge em então a questão relacionada ao zelo, proteção e cuidados com o filho quando se machuca, atributos dados pelo menino aos seus pais e dos quais se orgulha e o faz sentir-se amado e seguro.



Paternidades/Maternidades: amor, proteção, carinho, cuidado, acolhimento, educação.

Por último, o personagem criança conta para o leitor criança (e para os adultos também?! Quem sabe?!) que às vezes na escola os colegas estranham o fato de ele ter dois pais, mas ele logo responde que os pais são tudo para ele! Na verdade o livro não remete a situações de *bullying* vividas pelo personagem, mas sim de estranhamento e curiosidade talvez dos colegas de escola em relação à situação específica de se ter duplicada a figura paterna ou materna. Já em outro livro, *Olívia Tem Dois Papais*, de Márcia Leite, de forma mais contundente, é mostrada a questão da exposição da criança que pertence à família homoparental e sofre *bullying* na escola por conta disto. Neste último, a personagem menina relata a um dos pais que fica triste quando um coleguinha a provoca dizendo que ela não tem mãe, e o que o mesmo colega (um menino), provoca também outro colega dela (pertencente a uma família homoparental formada por um casal de mulheres) dizendo que ele não tem pai. A menina relata ao pai que fica triste e se defende dizendo que ela tem dois pais, como se fosse uma compensação não ter uma mãe a duplicidade paterna (a menina é adotada e a figura da mãe biológica não aparece na narrativa sugerindo que ela não conhece a mãe biológica).

Estranhamento da figura paterna duplicada pelos colegas de escola



Em três, dos quatro livros, aparecem famílias com apenas um filho, somente em um deles aparecem famílias, na forma de casais, com mais de um ou vários um filhos, em o “*Bem-Vindo à Família*” de Mary Hoffman com ilustração a seguir:

Família com mais de um filho



Entretanto, neste livro citado, quando se trata da família monoparental a mesma é representada como: uma mulher com apenas um filho biológico ou adotado, associando a ideia “do cuidar” de uma criança ao gênero feminino nesse momento da narrativa. Sabemos que existem famílias monoparentais formadas por um pai, padrasto, padrinho, madrinha, avós.

Família monoparental e adoção vinculada apenas ao sexo feminino

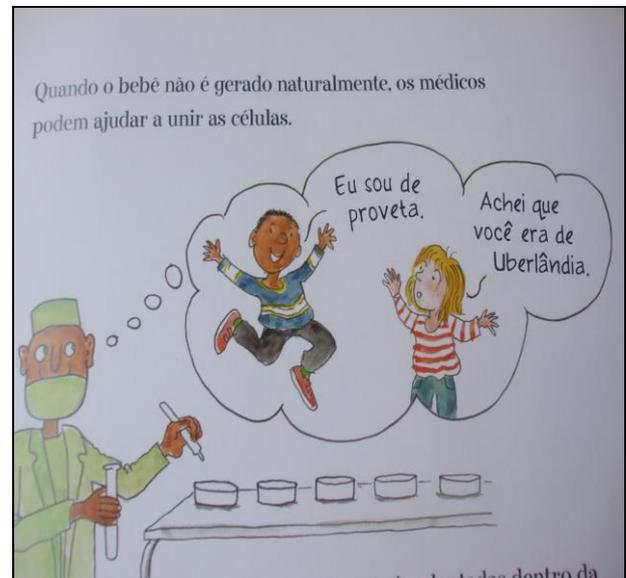
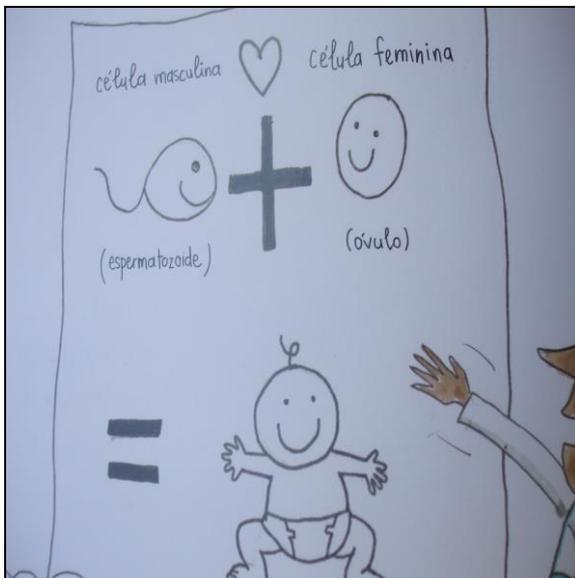
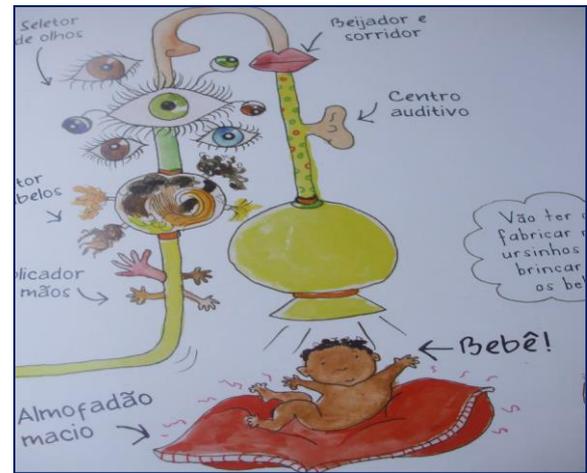
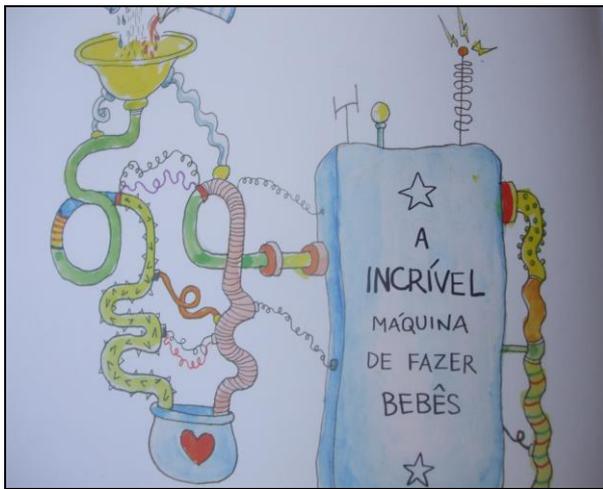


Em três, dos quatro livros, aparecem questões de adoção de filhos.



Em outro livro, a possibilidade de adoção é uma dentre várias apresentadas para ter filhos: o uso da técnica de reprodução assistida, fertilização *in vitro*, a “barriga de aluguel”, fusão de famílias, etc. O livro Bem-Vindo à Família. Este livro coloca as várias possibilidades de poder ter filhos (as): por laços biológicos; adotados (as) por uma só pessoa (aqui aparecem duas situações: imagens de mulheres, uma mãe biológica e outra adotiva, mas não aparece a possibilidade de um homem só com uma criança adotada); por técnicas de reprodução assistida; por reagrupamento/reconstituição/junção familiar de pessoas com filhos de relacionamentos anteriores; por acolhimento (família temporária – segundo a narrativa do livro, quando algumas crianças não têm como ficar com os pais em determinados momentos permanecem com pais/mães “acolhedores” e temporários (a) até que possam voltar a sua família de origem); por último então, aparece a “barriga de aluguel” como possibilidade para ter um filho.

Possibilidade de adoção entre várias para ter filhos: técnicas de reprodução assistida



"Barriga de aluguel" (emprestada)



Família acolhedora



Reagrupamento- junção familiar



Dos quatro livros, somente um apresenta famílias homoparentais formadas por um casal de homens e um casal de mulheres na mesma narrativa. Em geral, ou os livros apresentam a família homoparental composta por dois homens ou por duas mulheres, não os dois arranjos na mesma narrativa.



Famílias homoparentais formadas por um casal de homens e um casal de mulheres na mesma narrativa.



Como já havia mencionado, dos quatro livros, apenas em um deles aparecem essas duas configurações de famílias homoparentais na mesma narrativa: o livro infanto-juvenil “*Bem-Vindo à Família*” da escritora Mary Hoffman. O mesmo tem como país de origem a Inglaterra e foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2014 pela editora SM. Durante a narrativa, a autora do livro se dirige ao leitor infantil o tempo todo, como se fosse alguém explicando, um adulto falando com crianças. Esta obra se diferencia das outras três no

sentido de que traz a questão da família homoparental em meio a uma diversidade de tipos familiares, incluindo a família mono e heteroparental.

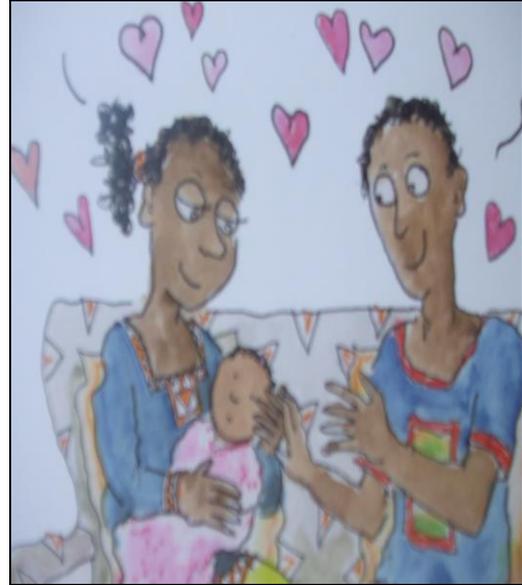


Diversidade familiar

Este livro apresenta também outros modos de se viver que não seja “em família”, modos como: pessoas que preferem viver só e que gostam de viver assim e outras que vivem sozinhas, mas se sentem solitários (como é narrado no texto escrito); pessoas que vivem com um ou mais amigos e/ou amigas; pessoas que preferem viver na companhia de apenas de outra em um relacionamento amoroso - neste momento, as ilustrações mostram casais homossexuais e heterossexuais sem filhos. Interessante é que primeiramente este livro mostra somente ilustrações de adultos convivendo com adultos de várias formas e arranjos, sem a presença de crianças e sem filhos, como se fosse uma espécie de prévia para se entrar na temática das famílias.

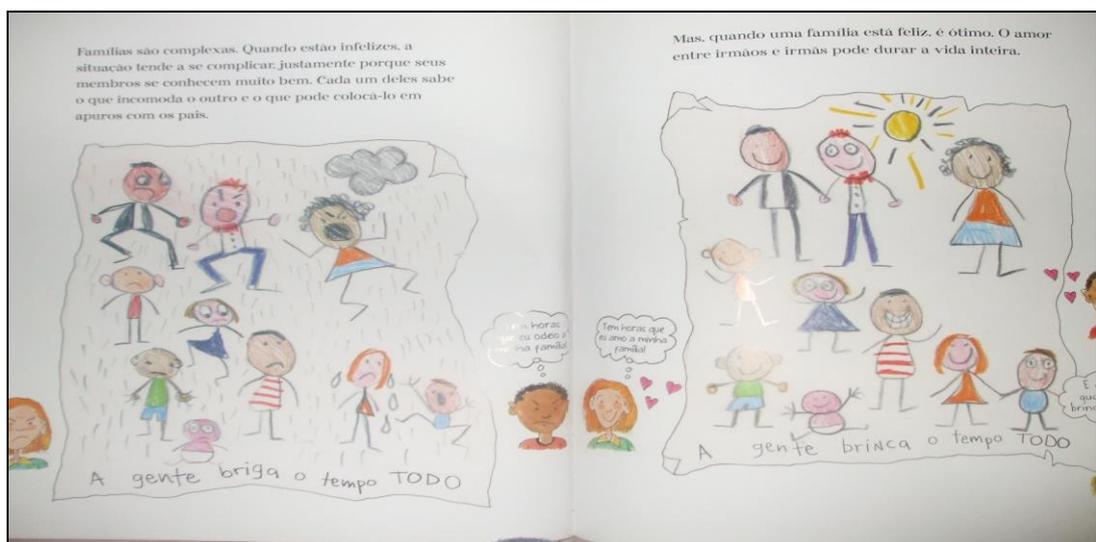


Só após apresentar vários modos de adultos morarem juntos é que a narrativa começa a apresentar os personagens das crianças e as várias possibilidades de arranjos familiares com elas juntas e sugerindo que a família se constitui a partir da filiação/ maternidade/paternidade vinculadas a laços de amor romântico entre duas pessoas.



Filiação e laços de amor romântico

No final, a narrativa dá um tom celebrativo a estas possibilidades para ter filhos e constituir uma família, segundo o livro, através destes muitos meios. O livro encerra enaltecendo “a(s) família(s)” tal como a narrativa do livro apresenta o tempo todo e ressalta a relação criança, família e felicidade, carinho, acolhimento e amor. Em uma passagem do livro são apresentados alguns conflitos familiares, mas de modo natural, como algo que faz parte da convivência dependendo da característica de cada família e pode ser superado.



Dos quatro títulos de livros analisados, dois trazem casais homossexuais homens, somente um deles apresenta um casal homossexual formado por mulheres, entretanto, o ponto central deste enredo não é o da homoparentalidade, e sim a relação homossexual entre as duas mulheres. Somente no final da narrativa, que culmina com a união delas através do casamento

percebe-se esse arranjo familiar que se dá em função de uma delas ser viúva e já ter um filho oriundo de relacionamento (casamento) anterior heterossexual.

Num dos livros o filho é oriundo de um relacionamento anterior heterossexual em *A Costureira e a Princesa* da psicóloga Janaína Leslão, livro infanto-juvenil, brasileiro e publicado em 2015 pela editora *Metanoia* também contando com verba arrecadada através do projeto *Catarse*. “O Primeiro Conto de Fadas Brasileiro”, assim tem sido chamado o livro nas mídias da internet.

Filho de relacionamento anterior

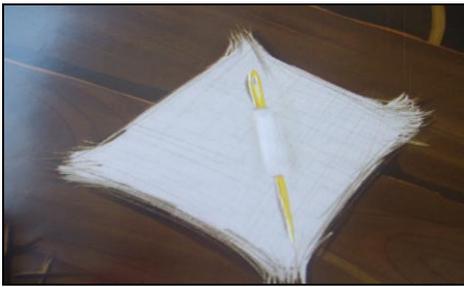


Trata-se de uma história de amor “à primeira vista” entre uma princesa negra e uma costureira ruiva. A história tem direito a uma fada madrinha negra também.



Esta costureira é viúva, pois seu marido morreu em batalha segundo expresso no texto verbal. Ela tem um filho de um ano de idade (portanto, ela e o filho constituem uma família monoparental). A costureira possui uma agulha mágica, um presente dado a ela por um estranho a quem deu abrigo numa noite, e com quem, solidariamente dividiu a pouca comida que tinha na ocasião. Na história a princesa ao ir tirar as medidas para o vestido de seu casamento - pois havia sido prometida em casamento a um príncipe de um reino vizinho, se apaixonou “à primeira vista” pela costureira. A princesa, ao contar para o pai, o rei, que havia se apaixonado por uma mulher, imediatamente é trancada na torre. Detalhe: a mãe, solidária, tenta impedir que a princesa seja presa e acaba sofrendo uma violência física, ela é atingida no peito por um guarda real com uma lança, abrindo-lhe um ferimento grave. Isto não comove o rei e não impede que a princesa seja encarcerada.

Agulha mágica



Mãe da princesa: solidária. Pai: violento

A irmã da princesa foge para pedir ajuda ao príncipe pretendente da princesa que compreende a situação da princesa e se solidariza a ela.

Um príncipe solidário, apaixonado e com “dread” no cabelo e princesas negras



A costureira tenta várias vezes acessar o castelo na tentativa de ajudar a mãe da princesa, ela deseja costurar com a agulha mágica que tem o peito da rainha que não sara, mas o rei orgulhoso e machista (e violento!) manda os guardas reais atirá-la na lama sempre.

O povo se revolta com o rei injusto



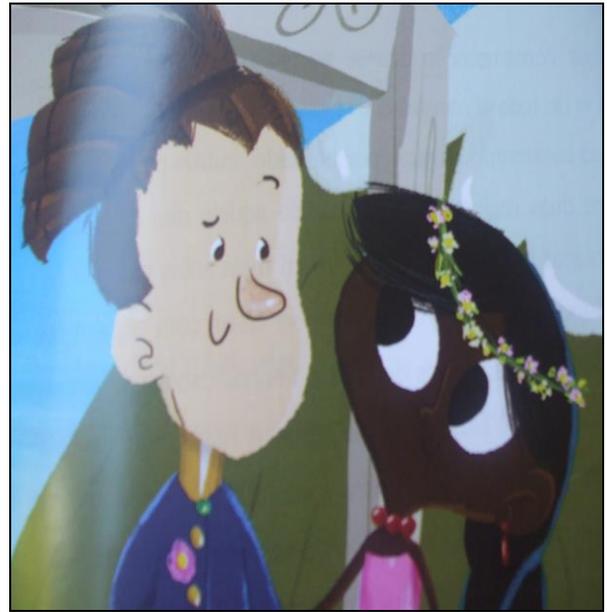
O povo toma partido da costureira e se revolta contra o rei invadindo o castelo para matá-lo, mas a costureira, que tem forte senso de justiça, impede a violência.



Logo a costureira tem permissão para costurar o ferimento da rainha que como mágica, instantaneamente sara. O rei fica grato e permite que a princesa e a costureira se casem. O príncipe casa-se com a irmã da princesa. A irmã e o príncipe durante a história são bastante solidários à princesa e à costureira. No final os casamentos: O príncipe pretendente

casa-se com a irmã da princesa, e a princesa com a costureira – então a princesa, a costureira e o filho formam uma família. O livro encerra a história com a imagem dos casamentos entre os personagens heterossexuais e entre os homossexuais.

Famílias homoparentais, princesas negras, costureiras, príncipes com dreads nos cabelos; um conto de fadas brasileiro.



Em “*Olívia Tem Dois Papais*”, indicado para crianças a partir de oito anos e publicado pela Companhia das Letrinhas em 2010, conta a história de uma menina negra aparentando cerca de oito anos (informações interpretadas a partir de imagem contida na obra literária).

Olívia



A menina foi adotada por um casal homossexual formado por dois homens, um deles artista plástico, o outro professor. Um dos pais brinca de boneca com ela numa passagem da história, e em outra, o outro pai prepara um lanche e fica explícito que ele é quem cozinha na família.

Os pais: um prepara o lanche, o outro brinca de boneca com a filha



O livro abre a história a partir de uma imagem: um porta-retrato com uma fotografia da menina e a família. Na foto, além dos pais e a menina, aparecem as duas avós e um avô, uma tia e um tio, o gato e o cachorro da família mostrando um tipo de arranjo familiar.

Porta retrato da família



A história é narrada verbalmente e de forma ilustrada pela autora e é intercalada por diálogos, que tem a menina como protagonista sempre buscando a atenção dos pais, conversando com um pai e outro alternadamente, nunca os três juntos. No decorrer da trama algumas questões sobre gênero aparecem nas falas da personagem da menina. A mesma relata, enquanto um dos dois pais prepara um lanche para ela, que um coleguinha de escola disse a ela que seu pai ensinou para ele que quem deve cozinhar são as mulheres e não os homens (LEITE, 2010, p.36). Também a menina, se referindo ao mesmo coleguinha da escola, diz: *“O Lucas é muito bobo, ele gosta de me provocar dizendo que eu não tenho mãe”* (LEITE, 2010, p. 37). Aqui neste trecho da história aparece a situação de exposição e de bullying sofrida na escola por crianças pertencentes à composição familiar homoparental, além da problemática da exclusão, invisibilidade destas famílias na instituição escolar, da indiferença e despreparo da escola em lidar com estas situações. Somente no final da história aparece uma imagem dos três abraçados juntos, a menina e os dois pais. Nesta passagem da história surgem ainda questões relacionadas a gênero quando, entende-se pela narrativa que irão sair os três juntos para comprar maquiagem e perfume, coisas que segundo a personagem *Olívia*- a personagem filha são coisas indispensáveis para uma menina. Em uma fala da personagem quase no final da história Olívia questiona a um dos pais: *“Será que uma filha que tem mamãe pode se pintar com a maquiagem dela”?* (LEITE, 2010, p.38).

Olívia brincando de maquiar o gato de estimação



As temáticas de gênero e sexualidade em dois livros, em *A Princesa e a Costureira* e em *Olívia Tem Dois Papais*, parecem estar articuladas com outras categorias sociais como raça, etnia e classe social, já que as histórias dão visibilidade a personagens negros e da classe trabalhadora (princesas negras, costureiras, uma filha adotada negra).

3.3 Uma família tipicamente classe média

Antes de falar sobre qualquer tipo de representação familiar observada nos livros analisados nesta pesquisa é necessário fazer alguns apontamentos sobre questões relativas às emergentes formas de constituições familiares hoje, assim como se faz necessário também tratar de algumas polêmicas surgidas em torno do conceito de família. Segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realizado em 2010, o modelo familiar formado por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria no Brasil. Segundo a pesquisa, os novos arranjos familiares já representam 50,1% dos lares brasileiros, contra 49,9% da formação tradicional. Outros dados do Censo 2010: na região Sudeste, existem 32.202 casais homossexuais, na nordeste 12.196, na norte 3.429, na centro-oeste 4.141 e na região Sul um pouco mais de 8.000 mil. Atualmente, há um recrudescimento das discussões acerca do conceito de família no Brasil. Isto, em grande parte foi provocado pela proposição do Projeto de Lei 6583/13 apresentado em 2013, o Estatuto da Família, de autoria do deputado Anderson Ferreira, do Partido da República do Estado de Pernambuco (PR/PE). O projeto de lei define “família” como núcleo social surgido a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável e propõe regras jurídicas para definir quais grupos podem ou não serem considerados juridicamente entidade familiar. Todas as outras configurações familiares já reconhecidas pela justiça brasileira, diferentes da tradicional apresentada neste projeto de lei estarão à margem dessa proposta e perderão direitos jurídicos já conquistados. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu por unanimidade a união estável para casais do mesmo sexo, e ficou estabelecido que companheiros (as) em relação homossexual teriam os mesmos direitos e deveres das famílias formadas por homens e mulheres. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) também deu legalidade ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. O nefasto Projeto de Lei 6583/13 Estatuto da Família foi aprovado em outubro de 2015 na câmara dos deputados por uma comissão especial Antes de falar sobre qualquer tipo de representação familiar observada nos livros analisados nesta pesquisa é necessário fazer alguns apontamentos sobre questões

relativas às emergentes formas de constituições familiares hoje, assim como se faz necessário também tratar de algumas polêmicas surgidas em torno do conceito de família. Segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realizado em 2010, o modelo familiar formado por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria no Brasil. Segundo a pesquisa, os novos arranjos familiares já representam 50,1% dos lares brasileiros, contra 49,9% da formação tradicional. Outros dados do Censo 2010: na região Sudeste, existem 32.202 casais homossexuais, na nordeste 12.196, na norte 3.429, na centro-oeste 4.141 e na região Sul um pouco mais de 8.000 mil. Atualmente, há um recrudescimento das discussões acerca do conceito de família no Brasil. Isto, em grande parte foi provocado pela proposição do Projeto de Lei 6583/13 apresentado em 2013, o Estatuto da Família, de autoria do deputado Anderson Ferreira, do Partido da República do Estado de Pernambuco (PR/PE). O projeto de lei define “família” como núcleo social surgido a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável e propõe regras jurídicas para definir quais grupos podem ou não serem considerados entidade familiar. Todas as outras configurações familiares já reconhecidas pela justiça brasileira, diferentes da tradicional apresentada neste projeto de lei estarão à margem dessa proposta e perderão direitos jurídicos já conquistados. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu por unanimidade a união estável para casais do mesmo sexo, e ficou estabelecido que companheiros (as) em relação homossexual teriam os mesmos direitos e deveres das famílias formadas por homens e mulheres. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) também deu legalidade ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. O nefasto Projeto de Lei 6583/13 Estatuto da Família foi aprovado em outubro de 2015 na câmara dos deputados por uma comissão especial composta, em parte, por 41 fundamentalistas religiosos. O conceito de família sustentado por esse estatuto tenta se respaldar na Constituição Federal Brasileira de 1988, que reconhece como núcleo familiar a união formada por um homem e uma mulher ou por apenas um dos dois, em caso de separação ou morte de um dos cônjuges. Na verdade esse projeto de lei tenta opor-se principalmente ao modelo de família formado a partir da união homossexual reconhecido juridicamente pelo Supremo Tribunal Federal (STF) desde 2011 quando foi reconhecida a união estável pela justiça de duas pessoas do mesmo sexo. A proposta deste projeto de lei nega a pluralidade das famílias brasileiras, é fundamentalista, defendendo e propondo um conceito conservador de família. O Direito Familiar não só reconhece a configuração familiar formada por duas pessoas do mesmo sexo, como contempla juridicamente outras formadas não só pelos laços consanguíneos ou matrimoniais, mas pautadas também pelas mais diversas relações de afeto. A constitucionalidade desse estatuto

não se sustenta visto que a Constituição Federal de 1988 garante que todos são iguais perante a lei, além de trazer insegurança jurídica a todas as famílias que não se enquadram na definição proposta por ele. Enfim, o Projeto de Lei 6583/13 representa um retrocesso ao restringir o conceito de família. O fato de ignorar a pluralidade de famílias, além de ser algo temerário, fere os princípios dos direitos humanos, ao negar proteção jurídica, cidadania e dignidade a todas as estruturas familiares presentes na sociedade contemporânea. Os núcleos familiares criados não estão mais vinculados exclusivamente ao matrimônio, e sim aos laços de afetividade. Essa nova concepção de família retrata uma realidade mundial que de forma abrangente concebe como família também as homoparentais, as monoparentais, aquelas formadas a partir de vínculos de tutelas e curatelas, e outras diversas formas de relações familiares cujo principal elo é o afetivo.

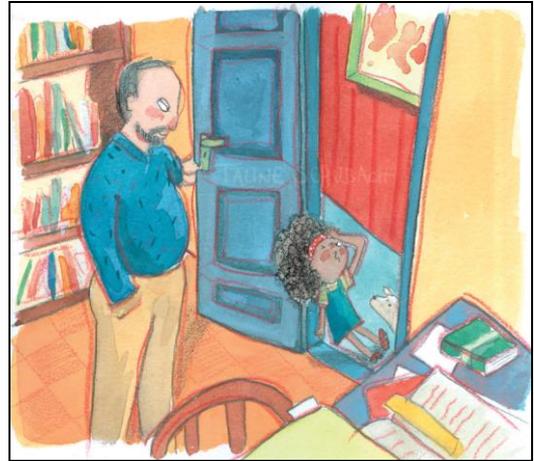
Entretanto, sociedade contemporânea “tolera” a existência de famílias com arranjos variados, mas quando se trata da homoparental, que tem como ponto central a sexualidade, não a admite, e quando envolve a criação de filhos, menos ainda. Um dos principais argumentos contra a constituição familiar homoparental é o de que a mesma é “contrária à natureza”, por não terem a possibilidade de gerar filhos entre si. A partir desse raciocínio esse tipo de configuração familiar logo adquire a conotação de “anormal” e “patológica”, ainda que haja outras possibilidades de se exercer maternidades/paternidades conforme o arranjo familiar: com filhos de relacionamento heterossexual anterior, adoção, por uso de técnicas reprodutivas assistidas, dentre outras. A ideia mais comum de família que perdura até hoje como “desejável” na sociedade ocidental é a “tradicional”, aquela que se enquadra nos padrões: nuclear, formadas pelas relações heterossexuais, monogâmicas e com objetivos de procriação. Tais formas de conceber a família estão ligadas a instituição casamento (civil e religioso católico).

Com o advento do divórcio já há algumas décadas, foi possível emergir outros arranjos familiares, baseados na construção de novos tipos de alianças entre seus indivíduos, ainda que com visibilidade e reconhecimento social de forma limitada. Temos como exemplo as famílias de acolhimento, recompostas e monoparentais. Dentro desse contexto surge a “família homoparental”, no qual o vínculo afetivo se dá entre pessoas do mesmo sexo. Zambrano (2006) considera que a emergência de famílias formadas por pais/mães homossexuais, travestis e transexuais no campo social traz consigo o enfrentamento de novas questões e a desconstrução de antigas certezas para a antropologia, psicologia/psicanálise e para o direito, ainda assim, permanece na **sociedade** contemporânea, por influência de preceitos religiosos, a condenação moral da homossexualidade vista como um atentado ao

caráter sagrado da “família”, constituído nas sociedades modernas, tornando inconcebível qualquer outro arranjo familiar fora da “sacralidade” e correspondência de pai-homem, mulher-mãe e filhos. Elisabeth Zambrano (2006) nos diz que em nossa sociedade contemporânea ocidental, a família é percebida como a mais “natural” das instituições, como centro organizador que irá estruturar e transmitir os valores mais importantes da nossa cultura, e que essa “naturalidade” nos leva à ideia de universalidade. Sobre o consenso (ou não) da definição de família, assim como sua universalidade, a autora aponta que a maioria dos antropólogos concorda que uma instituição chamada “família” é encontrada praticamente em todas as sociedades, mas sua configuração é tão variada que a sua universalidade estaria condicionada à forma como for definida. No que se refere ao modelo social de família representada nos livros de literatura infantil com a temática da homoparentalidade, durante as análises dos livros neste trabalho foi possível perceber recorrências e semelhanças nas narrativas em relação aos modos como as famílias são descritas e apresentadas. Uma dessas recorrências é a de que as famílias homoparentais nestes livros analisados são representadas a partir de um modelo familiar pertencente à classe média. São famílias bem informadas que tem livros em casa, em que as pessoas aparecem bem vestidas, que possuem livros, brinquedos, computador, carro, etc. Os pais têm formação de ensino superior: artista plástico, professor, arquiteto, jornalista.

A exceção se dá num dos livros em que uma das mulheres é uma costureira (viúva, mãe de um filho de um relacionamento heterossexual anterior) que se casa com uma princesa. Exceto em um dos livros, o *Bem Vindo-à-família* que se propõe a apresentar certa diversidade de tipos e arranjos familiares, nos outros três, as famílias tem apenas um filho. Em geral, nos livros não são apresentados conflitos familiares, com exceção deste mencionado por último que procura mostrar este aspecto das diferentes composições familiares. Estas representações mencionadas remetem á ideia de famílias pertencente à classe média. Em nenhuma das representações de famílias nas análises dos livros neste trabalho é representada a da periferia, da favela, das mães e pais, trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda, desempregadas, desempregados, sem formação superior, etc. E elas existem tenho certeza.

Pais artistas plásticos, professores, arquitetos, jornalistas, muitos livros em casa: uma família classe média.



Também são frequentes em três dos quatro livros analisados nesse trabalho as questões de parentalidade¹⁰, que se referem ao cuidar, educar, amar, etc. Apenas na história *A Princesa e a Costureira*, que foge a esse padrão, é mais tematizada a relação amorosa “romântica” entre as mulheres, e não questões de parentalidade. Sobre as famílias homoparentais em meio a outras emergências de configurações familiares e acerca da parentalidade Zambrano (2006) esclarece:

¹⁰ O conceito vem sendo utilizado para descrever o conjunto de atividades desempenhadas pelos adultos de referência da criança no seu papel de assegurar a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento pleno.

É dentro desses novos arranjos que surge a "família homoparental", propondo um modelo alternativo, no qual o vínculo afetivo se dá entre pessoas do mesmo sexo incluindo, também, os casos da parentalidade de travestis e transexuais. Tais uniões não possuem capacidade procriativa (no sentido biológico), embora seus componentes possam tê-la individualmente. O uso do termo "família homoparental" costuma ser objeto de muitos questionamentos, pois coloca o acento na "orientação sexual" (homoerótica) dos pais/mães e a associa ao cuidado dos filhos (parentalidade). Essa associação (homossexualidade dos pais/mães e cuidado com os filhos) é, justamente, o que os estudos sobre homoparentalidade se propõem a desfazer, demonstrando que homens e mulheres homossexuais podem ser ou não bons pais/mães, da mesma forma como homens e mulheres heterossexuais. Os estudos demonstram que é a capacidade de cuidar e a qualidade do relacionamento com os filhos o determinante da boa parentalidade, e não a orientação sexual dos pais. (ZAMBRANO, 2006, p. 12 e 128).

A instituição *Família* passou por mudanças ao longo de séculos até chegarmos, na contemporaneidade, a arranjos familiares variados, entre outros, o das famílias homoparentais. Este tipo de configuração familiar tem trazido muita polêmica pelo fato de duas pessoas do mesmo sexo “tomarem conta” de uma criança. Apesar disso, as discussões acerca do tema da homossexualidade e homoparentalidade vêm aparecendo em todo tipo de mídia, oferecendo espaço e possibilidades para a discussão e reflexão sobre o conceito de família. Zambrano (2006), trazendo aspectos sobre a relação vínculos familiares e família, refere:

Lévi-Strauss (1976) também apontou que a família não é uma entidade em si nem, tampouco, uma entidade fixa, ela é, antes, o lugar onde se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre eles e à sociedade. São os vínculos entre os indivíduos que criam a família e são as variações possíveis desses vínculos intrafamiliares que caracterizam as formas possíveis de família. (Zambrano, 2006, p.127).

3.4 Idealizações do amor e dos relacionamentos afetivos

Foi observado nos livros analisados neste estudo que em alguns, está contida a representação de uma família quase perfeita, enfatizando o amor e o companheirismo. Em alguns o amor romântico tem seu sentido aproximado ao das relações amorosas heterossexuais, enfatizando a ideia de completude vinculada ao casamento.

Amor romântico - completude e casamento



Sobre a relação amor romântico e casamento, Felipe (2006) aponta que as experiências amorosas consideradas mais “verdadeiras” e “legítimas” parecem só ter sentido entre os sujeitos heterossexuais. Deve se por isso que há uma tentativa clara de aproximar as representações das relações amorosas homossexuais à ideia de amor romântico, construída a partir de pressupostos heteronormativos.

Outra marca é o enaltecimento com que são representadas as famílias homoparentais e as relações amorosas homossexuais conferindo-lhes um tom celebratório tanto nos textos verbais quanto nas imagens: muitas cores, flores, olhares apaixonados, casais de mãos dadas flutuando e pairando numa espécie de “transe” da paixão.

O amor



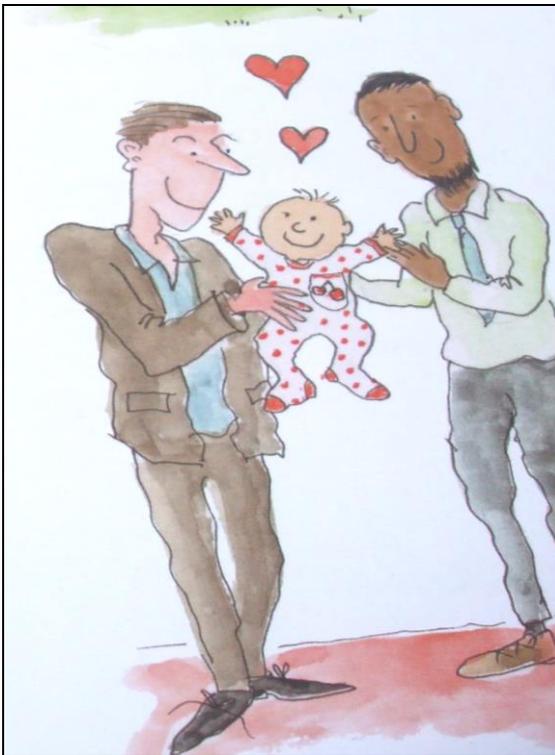
Em outros livros o casamento como garantia de amor eterno e infinito, sacramentando a relação numa espécie de legitimação. Famílias “unidas” pelo amor, pelo “bem querer”, que olham televisão juntas e passeiam “em família”.

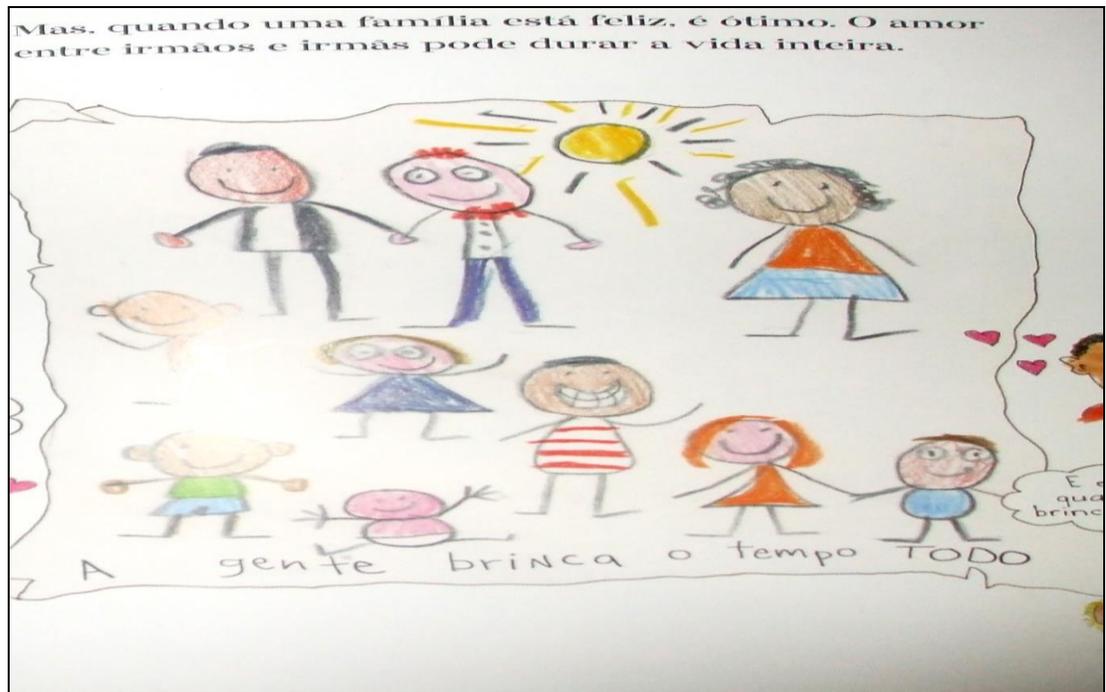


Sobre esta tentativa de associar as relações homossexuais e as homoparentais ao amor romântico, ao casamento, a filhos, a uma casa onde mora uma família com bichinhos de estimação, perfeita e sem conflito onde a paz e amor reinam o tempo todo, enfim, a tentativa de aproximar as famílias homoparentais à ideia uma família “normal” e se referindo a livros de literatura infantil com as temáticas da homossexualidade e da homoparentalidade Kaercher e Hessel (2013) ressaltam que

[...] algumas obras revelam um evidente esforço de abordar o tema normalizando as famílias, como se as relações homoafetivas tivessem de ser explicadas e aproximadas ao ideal de família que foi construído historicamente no mundo ocidental, encabeçado por sujeitos de sexos diferentes. Assim, alguns livros reconstróem alguns mitos da família ideal e do amor romântico heterossexual, como pano de fundo para justificar a existência das relações homoafetivas e das famílias com essa nova e específica configuração. (KAERCHER E HESSEL, 2013).

Tentativa de associar as relações homossexuais e as homoparentais ao amor romântico, ao casamento, a filhos, etc.





Famílias Felizes



Amor romântico, casamento e conjugalidade são tônicas fortes nas narrativas de livros para crianças que trazem as temáticas das relações homossexuais e homoparentais. Parece que se estas relações não forem vinculadas a idéia do amor romântico, associada a do casamento não são possíveis de serem reconhecidas como naturais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O que as escolas precisam saber sobre o tema

Falar com crianças sobre sexualidade, em especial de homossexualidade e homoparentalidade, é um desafio porque requer desvelar aquilo que é ocultado e/ou silenciado acerca das temáticas ao mesmo tempo em que é preciso se despir da concepção de infância da Modernidade: uma infância única, universal, atemporal e idealizada; entendida como um estado natural e permanente de felicidade e fragilidade que deve estar sobre a proteção dos adultos para fins de preservação da sua pureza. Dornelles (2005, p. 54) aponta que o surgimento da infância se deu partir dos séculos XVI e XVII devido à imposição da família, à instituição escolar e à normalização imposta pelas Ciências Humanas, e que, a partir disso, a mesma tornou-se visível e entendida como uma fase de inocência precisando ser preservada dos conhecimentos relacionados à sexualidade adulta.

Como sujeito social e histórico, e não entendido apenas como um ser em fase de desenvolvimento para se tornar um futuro adulto, acredito que a criança constrói sua subjetividade a partir do modo como vive sua vida com seus pares, com o mundo e “as realidades” que tem oportunidade (ou não) de conhecer.

Durante a investigação ficou evidente que os temas da homossexualidade e homoparentalidade não estão contemplados na literatura infantil. Os livros são raros, há grandes dificuldades para viabilização de suas edições e publicações porque as editoras não se interessam em “comprar esta briga” de trazer para o debate questões relacionadas à homossexualidade e homoparentalidade. Os livros que existem não estão disponíveis no mercado editorial brasileiro, não estão nas bibliotecas escolares, não estão na Feira do Livro de Porto Alegre, etc. Para as crianças maiores, de oito anos em diante existem alguns livros com qualidade literária limitada, mas para as crianças da educação infantil não há praticamente quase nenhum abordando as temáticas, os pouquíssimos que existem são publicados a partir de iniciativas próprias dos autores das obras, são projetos viabilizados a partir de verbas adquiridas em campanhas e doações na internet e acabam por não terem grande circulação e divulgação no mercado editorial brasileiro.

As famílias homoparentais não têm visibilidade na literatura infantil. Nas escolas, tampouco, não há ações e iniciativas que lhes confirmem legitimidade. As famílias existem, mas ficam à margem, na medida em que a instituição ignora o fato delas estarem neste espaço. Com relação à formação docente continuada, a instituição escola não investe, há demanda pela discussão, mas parece não haver interesse em promovê-la, justamente porque o

modelo de família “desejável” e esperado é o tradicional nuclear baseado em conceitos heteronormativos disseminados na sociedade, portanto, a escola não viabiliza os meios e estratégias para lidar e inserir as famílias homoparentais em seu universo. A questão acaba sendo tratada como se fosse um problema das famílias, o que vem a alimentar o estigma do preconceito, não sendo problematizada na escola por todos que compartilham desse ambiente.

A formação continuada dos professores é imprescindível nesse contexto para que o corpo docente esteja e se sinta preparado, através de uma formação específica, para lidar com situações que surgem no cotidiano da escola e abordá-las livres do fantasma e temor em discutir temas como o da homoparentalidade. A escola tem o papel de estabelecer e promover uma relação de parceria com todos os tipos de famílias que estão na escola visando o bem estar da criança e seu desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, a relação escola/família é parte importante na inserção da criança na instituição e é preciso que escola/família construam objetivos comuns, sem divergências a respeito de como agir com os alunos em situações diversas que envolvam temáticas como da homoparentalidade. À escola cabe o papel de mostrar disponibilidade para o diálogo na desconstrução de preconceitos.

Dessa forma, penso que o esclarecimento e debate relativos a conceitos de gênero, sexualidade e construção de identidades deva ser tema de palestras, seminários, formações continuadas diversas, de projetos escolares juntamente com toda comunidade, que estas questões sejam discutidas também no cotidiano escolar pelas demandas de seus alunos e famílias que não devem ser ignoradas pela escola. É preciso por parte da escola um olhar mais atento e interessado, não só para a construção de profissionais da educação mais capacitados, mas também para a construção de um ambiente escolar mais igualitário e que celebre a diversidade como possibilidade de enriquecimento.

5. REFERÊNCIAS

ARGUELLO, Zandra A. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura Infantil.** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6961/000537801.pdf?sequence=1>

BORDEAUX, Bela. **Tenho Dois Papais.** MG: produzido, publicado e vendido de forma independente, 2016.

DINIS, Nilson Fernandes. 2011. **“Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”.** Educar em Revista, Curitiba. N. 39, p. 39-50, jan./abr.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil.** Silva, p. 195, 1995.

FELIPE, Jane. **Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade.** Trabalho apresentado no Seminário Corpo, Sexualidade e Gênero: discutindo práticas educativas, Porto Alegre, maio de 2006.

FELIPE, Jane. **Educação para a igualdade de gênero: proposta pedagógica.** In: Um Salto Para o Futuro. Ano XVIII - Boletim 26 - Novembro de 2008.

FELIPE, Jane. **Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia.** In: Revista Tecnologia e Sociedade, v. 1, p. 41-54, Curitiba, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. In: **Métodos de pesquisa.** Org: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir dos livros paradidáticos infantis.** Porto Alegre, UFRGS, 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, porto Alegre, 2005.

GODOY, Arilda S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>

Acesso em 04/10/2016 a 16:00 hs

GUIZZO, Bianca Salazar; GOMES, João Carlos Amibilia. **A mídia ensinando sobre novas configurações familiares: representações de homoparentalidade**- DOI:<http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes>. V. 22, n.2, p.137-148. **Comunicações**, v. 22, n. 2, p. 137-148, 2015.

HESEL, R. M. S. & KAERCHER, G.E.S. **Dois Papais, Duas Mamães: novas famílias na Literatura infantil**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-1206, Out./dez. 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade - Acesso em 04/10/2016 às 19 h.

HOFFMAN, Mary. **Bem-Vindo à Família**. São Paulo: Edições SM, 2014.

LEITE, Márcia. **Olívia Tem Dois Papais**. Ilustrações Taline Schubach. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LESLÃO, Janaína. **A Costureira e a Princesa**. Ilustrações Júnior Caraméz. RJ: Metanoia, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação, sexualidade e gênero**. Petrópolis: Vozes, 1997. _____. (org.). O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

FERREIRA, Suyan M. P. **Amor Romântico na Literatura Infantil: uma questão de gênero** Educar em Revista, n. 35, 2009, p. 81-94 Universidade Federal do Paraná.

SOUZA, Jane F. (1999). **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, MG.

ZAMBRANO, E. (2006). **Parentalidades “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais**. Horizontes Antropológicos, 12(26), 123-147.

6. APÊNDICE

Obras literárias analisadas:

Título/livro	Autor	Faixa Etária	Ano da publicação	Editora	País de origem	Enredo	Personagens
A Princesa e a Costureira	Janaína Leslão	8 anos	2015	Metanoia	Brasil	Cíntia, uma princesa que foi prometida em casamento desde o seu nascimento ao príncipe Febo, do reino vizinho. Na época da cerimônia, a princesa foi encomendar seu vestido e conheceu a costureira Istar, por quem se apaixonou. Quando contou o fato para os pais e que não mais se casaria com Febo, seu pai mandou que a prendessem na torre do castelo porque descumpriu a tradição que dizia que moças deveriam se casar com rapazes.	Cíntia (a princesa), Istar (a costureira), O filho da costureira, Selene (irmã de Cíntia), Febo (o príncipe), Fada madrinha da princesa, A Rainha (mãe da princesa), O Rei (pai da princesa)
Bem-Vindo à Família	Mary Hoffman	8 anos	2014	SM	Inglaterra	A história mostra várias formas de constituições familiares: reprodução natural ou assistida, via adoção por uma pessoa sozinha ou por casais de tipos variados, via fusão de famílias. O livro é bastante ilustrado e com pouco texto verbal.	Os personagens não são nomeados, são pessoas diversas que aparecem na história sob forma de ilustração: pessoas que vivem só e se sentem solitárias, pessoas que vivem sós e gostam de viver assim, adultos que moram com amigos, pessoas heterossexuais e homossexuais, que vivem com uma só pessoa,

							crianças – os filhos dos adultos, um ursinho de pelúcia que fica como observador e fora da história, mas faz comentários e dialoga com o leitor e com os personagens
Tenho Dois Papais	Bela Bordeaux (fez a idealização, o projeto gráfico, ilustrações, diagramação e texto)	4 a 6 anos	O livro foi financiado através de crowdfunding Pela Catarse e publicado de forma independente, com uma tiragem de 1000 exemplares	2016	Brasil	O livro retrata o dia a dia de uma família: que trabalha, que se diverte, que leva a criança na escola, que supervisiona as tarefas escolares, que cuida do menino quando ele se machuca	Beto (arquiteto) Leo (jornalista) Menino adotado pelos dois Colega da escola (gênero indeterminado)
Olívia Tem Dois Papais	Márcia Leite	8 anos	Schwaecz Ltda	2010	Brasil	Conta a história de uma menina adotada por um casal homossexual formado por dois homens. A menina é habilidosa ao usar palavras específicas de forma carismática, cativante e doce quando se dirige aos pais com o objetivo de seduzi-los e convencê-los a ganhar algo que deseja, geralmente a companhia e atenção deles. A menina se sente muito segura ao fazer aos pais perguntas sobre sua própria história envolvendo questões de gênero, sexualidade e família. Os pais respondem de forma sincera, honesta e carinhosa a ela.	Raul (artista plástico) Luis (professor) Olívia (menina protagonista da história) Isabela e Tadeu (colegas de Olívia que sofrem bullying também na escola por ser filho de um casal homossexual de mulheres) Vovó Ângela Vovó Beth Vovô Paulo Tio Roberto Tia Carla O Gato e o Cachorro de estimação da família